

COMUNICAÇÃO



Esta seção trata do comportamento editorial e dos articulistas da mídia tradicional após a apresentação de Fernando Haddad como candidato do PT e de sua rápida ascensão nas pesquisas de intenção de voto. Na parte internacional, o tema em questão é a grande polarização existente no Brasil, considerada preocupante pelos principais jornais estrangeiros.

A ascensão de Haddad e a imprensa tradicional

Após o anúncio da candidatura de Fernando Haddad à Presidência da República e sua rápida ascensão nas pesquisas não demorou para os principais grupos da imprensa tradicional tomarem partido na tentativa de frear esta subida. A pesquisa Ibope divulgada em 24 de setembro mostrou que Haddad venceria Bolsonaro por 43% a 37% no segundo turno, dissipando o empate detectado na pesquisa anterior, em que ambos tinham 40% (leia mais em Política e Opinião Pública, pág. 11).

O movimento que tomou conta dos editorialistas e principais colunistas de jornais tradicionais, a princípio, explicitou a tentativa de tornar um demérito o fato de Haddad ser o candidato apoiado por Lula, o que o colocaria como “fantoche”, caso eleito. Também passaram a comparar declarações do atual

candidato à Carta ao Povo Brasileiro de Lula, em 2002, para insinuar que Haddad não será coerente com o seu programa de governo e fará um inflexão à direita. Finalmente, conclamam uma aliança dos partidos de “centro” contra o que supostamente seria a extrema esquerda (o PT) e a extrema direita (Bolsonaro) para alavancar o estacionado representante do PSDB, Geraldo Alckmin.

Um texto do colunista da *Folha de S.Paulo*, Gregorio Duvivier, publicado na segunda-feira, 24 de setembro, sob o título “Estão tirando Haddad à força do campo democrático”, ilustra este posicionamento de forma bem humorada. “Articulistas e formadores de opiniões estão desesperados com o resultado das recentes pesquisas de intenções de voto. Pra isso, afinal, servem os articulistas: pra se desesperar com o voto da população, essa classe

de despreparados. O povo não chega a ficar chateado com eles, porque uma das coisas que unem os formadores de opinião do país é que, por sorte, ninguém os lê.”

E conclui: “Ao tentar expulsar à força um dos candidatos do campo democrático, nossos articulistas acabam por mostrar que eles mesmos não estão no campo democrático. Pra combater as urnas, propõem, em uníssono, uma puta solução: todas as candidaturas do centro (sic) democrático deveriam abdicar da sua candidatura pra apoiar Geraldo Alckmin, o quarto colocado nas pesquisas.”

Editoriais

Na escalada de campanha anti-PT, o jornal o *Estado de S.Paulo* publicou dois editoriais, nos dias 12 e 13 de setembro. O primeiro, “O candidato postiço”, segundo o qual “Está claro desde sempre, e muito mais agora, que Haddad é apenas um preposto que concorrerá ao mais alto cargo do Executivo nacional não porque deseja administrar o país segundo suas ideias ou as de seu partido, mas para fazer as vontades de um presidiário”. E o segundo, “A paixão de Lula”, no qual afirma que “o PT é prisioneiro de Lula – cujo único propósito é sair da cadeia”.

A *Folha de S.Paulo* publicou o editorial “Inflexões petistas”, em 18 de setembro, no qual critica Haddad por não ter sinalizado qual será seu ministro da Fazenda caso seja eleito e afirma que o petista indicou uma inflexão rumo ao pragmatismo em debate promovido pelo Uol. “Nada de novo, aliás, em se tratando de campanhas petistas. Luiz Inácio Lula da Silva caminhou para o centro ideológico de forma bem-sucedida em 2002, com a célebre Carta ao Povo Brasileiro. Já Dilma Rousseff colheu um desastre político ao nomear um ortodoxo para a Fazenda, em evidente reviravolta da agenda propagandeada na ofensiva pela reeleição”, diz o texto.

No dia 20, o jornal da família Frias contrariou abertamente o critério jornalístico ao anunciar os números da pesquisa Datafolha, com a manchete: “Bolsonaro vai a 28% e Haddad, a 16%; Ciro lidera no 2º turno, mostra Datafolha”. Se Ciro é o terceiro colocado, esta manchete não faz nenhum sentido.

O editorial publicado pelo jornal *O Globo* no dia

20 de setembro, “Haddad entra na corrida rumo ao centro”, relembra 2003. “Lula, inicialmente, cumpriu a promessa e, para reforçar o compromisso, permitiu que Palocci, no Ministério da Fazenda, seguisse uma política de ajuste ‘neoliberal’, ajudado, no Banco Central, por ninguém menos que um tucano, Henrique Meirelles, e, mais do que isso, ex-presidente mundial do BankBoston, um dos braços do ‘capital financeiro monopolista internacional’. E conclui: “Mas conspira contra PT e Fernando Haddad o desfecho daquela apenas aparente – viu-se depois – conversão do partido às boas práticas de política econômica. A dúvida é se aprenderam a lição ou poderão cometer outro estelionato eleitoral”.

Imprensa estrangeira mostra Brasil naufragado

As reportagens publicadas sobre o Brasil na imprensa estrangeira em setembro que abordavam basicamente dois temas: o incêndio no Rio de Janeiro e as eleições que se aproximam. Ambos os assuntos causaram espanto e cada um deles foi abordado de forma parecida. Sobre a política brasileira, o quadro que se faz é de preocupação. Todos os veículos, sem exceção, dizem que este processo eleitoral é o mais incerto e também o mais polarizado desde o final da ditadura militar.

O jornal francês *Le Monde* publicou um editorial no início de setembro intitulado “Brasil: o naufrágio de uma nação”. Sem dúvida o texto mais crítico, não trata de um determinado candidato, mas da irracionalidade que, segundo o editorialista, tomou conta do Brasil. O texto afirma que o país está perdido e confuso. Hoje, os brasileiros estão enfurecidos porque querem a volta do tempo da prosperidade. Algo que desapareceu.

Entretanto, a volta para o trilho dos sonhos não está clara, muito longe disso. Cansados da corrupção e dos políticos, os brasileiros não conseguem se entender. Como sintomas desse naufrágio, são citados o esfaqueamento de Bolsonaro, o assassinato de Marielle Franco, o incêndio do Museu Nacional e os tiros disparados contra a caravana do ex-presidente Lula. Para o jornal francês, essa sucessão de ocorridos é consequência do estado lastimável do Brasil.

Tão significativo quanto o editorial francês é o artigo publicado na revista *The Economist*, que aponta Jair Bolsonaro como um perigo para a democracia brasileira e para a América Latina. O texto menciona o candidato do PSL como um populista tal qual Donald Trump e outros que têm conseguido se eleger em diversos países. A revista de ideologia liberal cita Paulo Guedes, braço direito do deputado, como alguém que se formou na escola de economia de Chicago e, por isso, alguém perigoso.

O artigo afirma que o general Pinochet tinha auxiliares que se formaram no mesmo local e que, para alcançar a estabilidade econômica do país, submeteram o povo chileno ao sofrimento. Com esse paralelo e citando que Bolsonaro é um admirador da ditadura e da tortura, a *The Economist* diz que Bolsonaro poderia superar o rótulo de “rouba mas faz” que já existe no Brasil e encarnaria outra classificação, muito pior: “tortura mas faz”. A revista conclui que o Brasil teve avanços nos últimos tempos, mas precisa de muitas reformas, no entanto, Bolsonaro não é o homem para fazê-las. O artigo ainda lembra que ele constantemente faz ofensas a negros, gays e também às mulheres.

Para além desses dois textos que foram muito críticos e muito significativos, a imprensa estrangeira também noticiou a impugnação da candidatura de Lula, sempre citando que apesar de estar impedido de ser candidato, Lula defende a sua inocência e conta com a defesa da militância de esquerda, que não aceita a prisão do ex-presidente. Sobre Lula, merece destaque a reportagem publicada no jornal inglês *The Guardian*. O texto diz que a Justiça brasileira desafiou uma solicitação do Comitê de Direitos Humanos da ONU, que orientava a manter a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, já que ele continua a ter seus direitos políticos e que não foi

julgado em última instância.

A impugnação da candidatura de Lula gerou notícias sobre Fernando Haddad. Ele foi apresentado como ex-prefeito de São Paulo, um acadêmico e especialista na teoria marxista. Para alguns veículos, Haddad tem o benefício de contar com o apoio do ex-presidente Lula, mas também certo peso negativo pelo mesmo apoio. Nesse caso, fica evidente que jornais europeus e dos Estados Unidos tratam da política brasileira como se ela funcionasse sob a mesma lógica da política nesses locais.

O episódio do atentado contra o deputado Jair Bolsonaro também foi amplamente noticiado. Entretanto, nenhum veículo discutiu o fato como aconteceu com a impugnação do ex-presidente Lula. As notícias apenas relataram o ocorrido e, na sequência, apresentaram a evolução do quadro clínico de Bolsonaro e como ele teve uma leve subida nas pesquisas após ser esfaqueado.

Para a imprensa estrangeira, o Brasil é um país perdido, em que o povo está polarizado, dividido pelo ódio. Talvez um bom exemplo da barbárie brasileira seja uma reportagem publicada no site do *New York Times* sobre as críticas que internautas brasileiros fizeram a um vídeo postado na internet pela embaixada alemã, que explicava o que tinha sido o Holocausto. Esses usuários da internet discordaram do governo alemão e disseram que o partido de Hitler era de esquerda o que, segundo eles, ficava claro pelo nome Partido Nacional-Socialista. Irritados com o vídeo, os internautas foram mais longe e começaram a comentar que o material tratava de uma “Holofraude”. Chega a ser triste ver esse tipo de coisa sendo publicada sobre o Brasil, mas o fato é há pessoas assim entre os brasileiros.